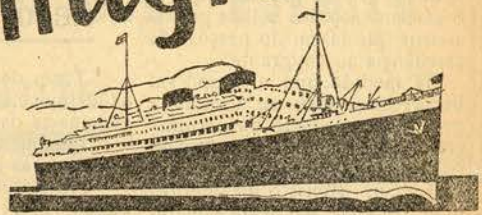


O Assistente ao Emigrante



Órgão do Sindicato Nacional dos Empregados da Assistência aos Emigrantes em Navios Estrangeiros do Distrito de Lisboa

Redacção e Administração

— RUA DE S. PAULO, 216-2.º —
TELEFONE 2 8605

DIRECTOR: Bernardino dos Santos
EDITOR: Cesário dos Santos Monteiro
Propriedade do S. N. E. A. E. N. E.

Composição e impressão:

CALÇADA DOS CAETANOS, 18
TELEFONE 2 1450

BARRA FORA...

A viagem do Chefe do Estado às Colónias

Foi uma apoteose, um triunfo daquêles que ficam a perdurar na memória de todos nós, a viagem presidencial às nossas possessões coloniais.

O venerando Chefe do Estado, com a sua figura, irradiante de simpatia, com o seu aprumo de militar, com a sua «presença» de fino diplomata, espalhou pelo extenso domínio colonial português, com a alegria franca do seu sorriso, a esperança do futuro esplendoroso do nosso Império, e o conforto àqueles patriotas que lá longe sabem vencer as agruras do clima e a tortura da saudade, levantando e afirmando alto o bom nome da Nação.

A viagem do General Carmona, a ida do Sr. Ministro das Colónias, inspiradas no momento preciso em que era necessário provar ao Mundo que Portugal é um Império indivisível e inatacável, foi de largo alcance político.

No Funchal, no Príncipe, em S. Tomé, em Luanda, no Lobito, e por todas as outras terras que visitou, o venerando Chefe do Estado foi alvo de manifestações que ultrapassaram todos os limites do natural. Por onde quer que passou, nas aclamações que ouviu, o General Carmona, «sentiu» bem como eram animosos os portugueses que o aplaudiam e como êsses aplausos, posto que dirigidos a êle, à sua simpática pessoa, iam direito ao coração da Pátria — era a fé dos modernos conquistadores, materializando-se em palmas e em brados de alegria.

E nos seus telegramas, nos seus discursos, o General Carmona deu-nos a impressão exacta do entusiasmo e do contentamento que lhe ia na alma, ao verificar a nossa riqueza colonial, e a confiança que nela devem depositar todos os portugueses.

O venerando Chefe do Estado acaba de prestar à Nação mais um relevante serviço. Executou-o com sacrifício da sua saúde, mas feliz e satisfeito, como bom militar e como bom e grande português.

A nação inteira lhe deve estar grata — e êle bem merece a nossa eterna gratidão.

Bem haja, pois, e que seja bemvindo!

Os serviços de Assistência são um encargo?

Não há iniciativa, não há cousa organizada, obra ou serviço, que não tenha os seus detractores e os seus apreciadores.

É assim em tudo; e nós que não pretendemos nem podemos endireitar o Mundo, limitamo-nos apenas a reconhecê-lo e a lastimá-lo.

Com o serviço de protecção e assistência ao emigrante verifica-se o mesmo fenómeno. Há quem o aprecie e o elogie como uma obra louvável, das que impõe uma Nação no conceito universal.

Mas também há quem deteste e censure, evocando os mais disparatados argumentos, e de entre êles, um convém desde já destacar, por ser o que mais frequentemente é apontado: o encargo que tal serviço representa para as companhias de navegação.

Na sua maioria pessoas de pouco alcance intelectual, outras vezes indivíduos de precária independência moral, êstes ridículos defensores dos interesses das companhias de navegação estrangeira, esquecem o valimento dos serviços de assistência ao emigrante, porque nunca emigraram, e atraioçam a sua própria qualidade de portugueses ao condenar um serviço público que todas as nações civilizadas apoiam.

Não e não.

O serviço de assistência ao emigrante não é um encargo!

Alguem tem de servir à mesa o emigrante; alguem tem de arrumar e limpar o camarote ao emigrante; alguem tem de velar, tratar e medicar o emigrante, quando doente.

E se é verdade que o emigrante não pode nem deve desempenhar êstes serviços, porque é um passageiro, logo é necessário pessoal para o fazer: se não fôr português, será estrangeiro.

Ora competindo à Nação, por um princípio sagrado de solidariedade e humanidade, velar e proteger seus naturais em todas as emergências, porque não há-de ela proteger o português que parte ou regressa?

Se mesmo em terra estrangeira, a Nação mantém um consulado com o fim de proteger os seus interesses e os seus nacionais, porque não há-de a Nação estender essa protecção a bordo de um navio?

E se além fronteiras, o Estado confia a portugueses a defesa dos seus interesses e a dos próprios portugue-

BARRA FORA...

O progresso!

Por nos parecer interessante, transcrevemos êste «êco» do *Diário de Lisboa* de 22 último:

Fernão de Magalhães deu a volta ao mundo em 1.083 dias, ou seja em 33 meses.

Em 1873 o homem de Júlio Verne «Phileas Fogg» «deu-a» em 80 dias. Mas da imaginação à realidade foi um passo de 16 anos: em 1889 a inglesa Helen Bly realizou a proeza em 72 dias, 6 horas e 41 minutos, utilizando comboios e navios. E a caça ao «record» não afrouxou ano sim, ano não, até que em 1911 o francês André Galger colocou a volta em 30 dias, 19 horas e 42 minutos.

Entra depois o avião em cena: os primeiros que tentaram fizeram-na em 175 dias, embora no ar, descontando as paragens, tivessem somado apenas 14 dias e 15 horas. Em 1926 os jornalistas Wells e Evans desceram para 28 dias. Em 1929 o «Graf Zeppelin» fixa o «record» em 20 dias e 4 horas, e, logo em 1931, Willy Post põe o tempo em 8 dias e 15 horas, para dois anos depois, êle próprio, fixar 7 dias, 8 horas e 49 minutos.

Em Julho passado Hughes, americano, estabelece finalmente a volta ao mundo em 3 dias, 19 horas, 14 minutos.

Pois o «record» vai novamente ser atacado.

Acham pouco três dias: é mister o homem tocar o inverosímil — o absurdo — para voltar a tranquilidade ao seu cérebro, eternamente em «roullement».

Caixa de Auxílio

Conforme ficou resolvido em reunião de Direcção, acaba a Caixa de Auxílio de converter parte dos fundos que se encontram depositados na Caixa Geral de Depósitos, em fundos do Estado — obrigações de 5,5 %.

Colocaram-se nêstes títulos 42 793\$50, obtendo-se um rendimento de 5 1/2 % ao ano, em vez de 1 % que rendia o capital depositado na Caixa.

Este número foi visado pela comissão de censura

(Continua na 4.ª pág.)

Outra vez «os velhos»...

Voltamos mais uma vez, a tratar nas colunas do «Assistente» o grande problema que é, o afastamento dos velhos profissionais que fazem do pessoal de assistência ao emigrante.

Há medida que o tempo vai decorrendo, mais se acentua a grande necessidade da arrumação deste assunto. Encontra-se pendente da aprovação de Sua Ex.^a o Sr. Ministro do Interior, uma proposta, em devido tempo apresentada por quem de direito e que teve a inteira aprovação de Sua Ex.^a o Sr. Sub-secretário das Corporações, onde era criada uma determinada verba, tirada dos fundos dos serviços de emigração, e que se destinava a socorrer os indivíduos, que pela sua avançada idade já não pudessem andar embarcados.

Essa proposta encontra-se estudada pelos actuais serviços do Instituto Nacional do Trabalho e temos fé que ela brevemente terá a aprovação de Sua Ex.^a o Sr. Ministro do Interior.

Pois é necessário acentuar que o serviço de Assistência ao Emigrante, muito embora seja pago pelas companhias de navegação que os transportam, é um serviço oficial, imposto pela lei de protecção ao emigrante. Ora impôr às companhias pessoal que pela sua avançada idade já não está em condições de bem desempenhar a sua missão, é deixar mal colocada a Nação, que impoz às companhias uma obrigação, e não tem pessoal competente para as servir.

Há que afastar do serviço esse pessoal, é uma verdade incontestada, mas não podemos, ao encarar os seus cabelos brancos e a sua face cansada de trinta e mais anos de trabalho no mar apontar-lhe secamente a porta da rua, e deixá-los na miséria.

O nosso Sindicato Nacional tem ainda uma curta existência, para poder arcar com a responsabilidade de socorrer aqueles que por incapacidade física não podem continuar ao serviço da Assistência aos Emigrantes, que para honra do mesmo e da nação deve ser desempenhado por pessoas que estejam nas devidas condições, não só de idade mas também de apresentação, e a realidade, triste é dizê-lo, o pessoal de assistência deixa muito a desejar.

É duma grande urgência resolver este problema, não só para bem dos que já não podem trabalhar, mas também para prestígio da nação, e com isso resolve-se outro problema que é dar trabalho a muitos marítimos que hoje o não têm, e que são homens novos com saúde e boa apresentação que é o que necessita o serviço de assistência.

Bernardino Santos

Na brecha...

A montagem da Secção do Funchal

Recordações que se actualizam...

Tem decorrido activamente, quer em Lisboa quer no Funchal as diligencias para a resolução da grave situação do pessoal de assistência daquela cidade.

Igualmente decorrem com toda a regularidade, os trabalhos preliminares para a montagem da nossa secção.

Nesta luta em que nos temos empenhado, sem um desfalecimento, sem ter ainda como perdida a esperança de um triunfo completo, ou quasi completo, recorda-nos os tempos longinquos do nosso Sindicato Nacional.

Naquella altura, 1934, quando se davam os primeiros passos para a fundação deste Sindicato Nacional os serviços de Emigração, recebiam funda reforma, sob o impulso de um homem que a morte prematuramente nos roubou, o Ex.^{mo} Sr. Dr. Antonio de Castro Osório, que tão brilhantemente desempenhou o lugar de Director Geral da Segurança Pública.

Tinhamos então contra nós, além da má vontade das agências de navegação, a antipatia de parte dos funcionários da extinta Polícia de Emigração, o desacôrdo de muitas individualidades ligados aos serviços de emigração e ao movimento emigratório, e até mesmo a desconfiança da maioria dos componentes da classe.

Tôdas estas forças que unidas forneceram uma montanha intransponível, conspiravam e dificultavam a fundação do nosso Sindicato Nacional, porque nós aparecíamos, esquecendo o pendão da dignidade e da imparcialidade, dispostos a destruir a maldade e a ignomínia, para em seu lugar erguer a verdade e impôr a justiça.

Brofava em cachão, prenhe de entusiasmos e de energia, a Ideia Nova; florescia e criava raizes nas massas a Revolução dos trabalhadores, corporizada no Estatuto Nacional do Trabalho, a que a presença do Dr. Teotónio Pereira dinamisa e dava vida.

Contra a montanha das más vontades, lutaram denodadamente um grupo de homens, parte dos quais ainda hoje se conservam à frente dos destinos da colectividade, e nessa tarefa sublime, os secundou e fez vencer o Instituto Nacional do Trabalho e a Direcção Geral de Segurança Pública, representadas pelos srs. Dr. António do Amaral Pyrrait e Dr. António Castro Osório.

Depois de longos e árduos trabalhos, após cansaças e lutas indescritíveis, o Sindicato Nacional formou-se, os serviços tomaram ordem, moralidade e disciplina, a classe impôs-se, dignificou-se até atingir o nível que hoje disfruta.

Vencemos, mas vencemos porque era justa a nossa causa, triunfámos porque eram nobres as nossas intenções e a verdade e a justiça externa do nosso lado.

Vencemos, e dessa vitória prodigiosa resultou um Sindicato modelar, talvez o mais modelar da organização corporativa, desenvolvendo-se e aperfeiçoando-se um serviço público de maior relevo e duas ou trez centenas de trabalhadores encontraram, afinal, o pão cotodiano, ganho com honra e consciência.

Pois o que se passa com a classe do Funchal, com a organização da Secção deste Sindicato Nacional naquella cidade recorda-nos aquêles tempos, porque são, infelizmente, semelhantes todos os acontecimentos que se estão dando.

Há pontos de contacto que nos fazem sorrir pela flagrante semelhança, há atitudes que se repetem com uma exactidão extraordinária, como se fôsem tomadas pelas mesmas pessoas.

Da outra vez vencemos, desta venceremos também, pois é igual a finalidade, e iguais as nossas armas: a justiça e o direito!

Questão de tempo, questão de paciência, questão de vontade; seja como fôr, venceremos, porque temos todos êsses predicados, e além de todos êles temos Razão.

A direcção fez deslocar ao Funchal, para onde seguiu no dia 31 último, um delegado, que vai ultimar os trabalhos preliminares, da montagem da secção, aprovação do regulamento da mesma, etc.

Leva esse delegado, que é o redactor deste jornal, e pessoa que conhece bem a fundo os problemas de assistência ao emigrante os mais largos poderes para estudar no Funchal o problema da situação dos nossos colegas funchalenses, e da sua acção muito de proveitoso pode resultar.

Oxalá que seja assim, para no próximo número darmos aos nossos associados mais desenvolvidas noticias sobre o caso do Funchal.

Fardamentos de bordo

Uma realização interessante

Em tempos felizmente já esquecidos, o pessoal de assistência não podia usar a bordo fardamentos limpos.

Os criados raro usavam fardo branco, as criadas mais raro ainda envergavam uma bata ou avental branco, e o pessoal de enfermagem, ajudantes e enfermeiros pouco se distinguiram dos passageiros, porque na maioria dos casos trajavam à paisana.

Diga-se também que as condições dos navios dêste tempo, e a forma como o emigrante era transportado, não permitiam êsse luxo.

Farda branca que se envergasse não durava uma hora limpa.

Lentamente as coisas se foram modificando; os navios melhoraram as suas instalações, o tratamento ao emigrante aperfeiçoou-se, e ao pessoal, como não podia deixar de ser, começou a ser exigido vestuário adequado às funções de cada um.

Uns adaptaram-se logo à nova ordem das coisas e adquiriram vestuário suficiente trabalho com o êle com o cuidado necessário; no pessoal de enfermagem também a apresentação se foi renovando embora lentamente, mas em tôdas as categorias existem ainda alguns que não perderam antigos hábitos...

De aqui resultou uma anarquia nos fardamentos do pessoal, vendo-se na mesma equippe os mais diversos fatos, casacos e batas, o que dá a aparência de desorganização e desleixo.

Ora parece ser agora o momento aprazado para se tentar uniformizar o traje do pessoal de assistência, a bordo, uniformização simples facilmente realizável com um pouco de boa vontade de todos.

Basta que aqueles que ainda se não adaptaram à evolução, o façam sem demora.

Assim, a direcção propõe-se arrumar um fardamento modelo para cada categoria, modelo que recomendará aos associados, o qual foi escolhido tendo em atenção o seu pequeno custo.

Para as criadas está já feito o modelo de uma bata azul celeste, com gola e pu-lhos brancos, que produz um conjunto harmonioso.

Esta bata de reduzido custo, encontra-se em exposição na sede, onde deve ser examinada pelas interessadas, pois breve se pedirá a todos o seu uso permanente a bordo.

Quanto às restantes categorias, criados e pessoal de enfermagem, breve a direcção estudará o assunto, recomendando desde já a todos o uso permanente do branco, como fardamento.

AS BOAS INICIATIVAS

A interessante palestra de Artur José Pereira

Um tema importante

Minhas senhoras
e Meus senhores:

As minhas primeiras palavras são de sincero agradecimento pela vossa comparencia a esta minha palestra.

Tem sido no decorrer de longos anos de boa e sincera camaradagem um orgulho para mim ter sido sempre bem acolhido por vós, com carinho e consideração. Porquê?

Porque vós tendes compreendido que a minha lealdade, a minha moral tem sido exemplar.

Eis a razão porque aqui me encontro convidando-os a prestar atenção sobre o meu tema — o alcool.

Não era eu na verdade a pessoa mais indicada para vos fazer esta palestra. Por duas ordens de razões.

Uma, atendendo à minha cultura.

Outra, porque entre os elementos deste Sindicato, à pessoas com mais competência para o fazer.

Escolhi na verdade um tema que demanda grande responsabilidade em debatê-lo, mas vi que era de absoluta necessidade em demonstrar à nossa classe os terríveis prejuizos morais e materiais que o alcool tem feito desde os tempos primitivos da geração humana sem olhar a categorias sociais.

Por ter encarado a sério, e tomar uma resolução firme e conscienciosa de apresentar este problema, não só com palavras como com exemplos testemunhados que a acção nociva do alcool tem feito.

Eu começo por seguir a frase do Mestre conselheiro, amigo dos trabalhadores, «a Revolução do Espírito continúa», e ela entrou como uma luz, redentora entre o nosso seio, e chegará a sua claridade espiritual até ao nosso lar junto de nossas famílias.

O alcool — Linhas gerais

Desde a primitiva época dos tempos Romanos, que os grandes chefes dos exercitos desse tempo mandavam empregar nos seus homens para que podessem vencer, as bebidas espirituosas dessa época.

A evolução dos tempos fez com que os homens de ciência como Ivon e o grande Griset e muitos outros, proclamassem bem alto em prol da humanidade as

consequências fatais para a futura raça humana que o alcool trazia e nas maravilhosas teses apresentadas aos homens governantes desse tempo, pediam para que fôsse posta em prática uma campanha de propaganda contra o alcool pela terrível acção que êle ia tendo dentro da geração humana.

Dizia Griset: «Os homens fortes e sadios que se deixam dominar pelo alcool, tornam-se uns debilitados moral e fisicamente, e nunca poderão prestar o seu auxilio de carácter útil à sociedade e à própria familia, passando a ser um corpo em ruinas dentro da psicologia humana e uma escassa imagem de figura de homem sem validade para a luta da vida para o que foi destinado o seu papel traçado pelo próprio destino e no final tombam para a mais terrível das mortes».

Eu vos deixo aqui em palavras claras e concretas, os fatais efeitos que o alcool produziu no organismo humano e eis a razão que eu vos digo, que nunca bebeis em demasiado; se tendes que o fazer como aperitivo tonificante à hora das refeições, que o façais dentro das normas usadas por pessoas conscienciosas e dignas perante os seus deveres a bem da sociedade e da sua própria saúde, pois que um homem êbrio perde toda a vitalidade e toda a noção das suas funções pessoais e profissionais.

O homem vencido pelo alcool deixa retratado em si toda a imagem da sua decadência, pois passa por ser um elemento perigoso tornando-se um verdadeiro factor da desordem, e também em geral a ruina da própria familia; entre essas vítimas do alcool encontram-se na generalidade pessoas que fora da acção alcoólica têm boas qualidades pessoais e profissionais.

Porém, parece que um elemento estranho o faz obedecer à voz terrível do vicio levando-os para a maior das podridões sociais. Parece na realidade haver entre esse montão de infelizes (perdoai-me o termo mas é verdade) que uma influencia magnética os conduz para um caminho puramente errado e tão prejudicial para êles, não os deixando subir o pedestal erguido no caminho da vida para a dignidade dos homens.

Estes nunca chegam a realizar dentro do valor real do seu tra-

balho qualquer obra perfeita que se aproveite em seu interesse pessoal e da sua familia, quantos e quantos exemplos, bem doloroso dizê-lo, que existem no seio da nossa própria classe em geral, que elementos dominados pela sua debilidade vivem do alcool, abandonando os sagrados deveres da familia e esquecendo por vezes o próprio lar, movidos pela engrenagem maldita do alcool, tombaram fisicamente para sempre, e quantos camaradas não estão reservados a levarem o mesmo triste caminho, se não tomarem uma enérgica attitude e firme resolução de abandonarem por completo o vicio do alcool.

Infeliz do ser humano que não pode dominar um vicio! O que o não fizer é uma completa nulidade, se entre os homens o vicio alcoólico é prejudicial e depravante, entre a mulher, é mais bem doloroso e de baixa moral.

Por essa razão, mulheres companheiras de trabalho, aqui presentes, vós, com a vossa tão preciosa generosidade, e sensibilidade da vossa alma de mulher, eu apelo num grito tirado de dentro da minha alma para que me ajudais na campanha a favor dessas fracas criaturas de espirito, a inculir neles o perigo que o alcool acarreta para os que abusam dêle e os estragos que fisicamente faz em todo o seu organismo.

Exemplos

Terminando a primeira parte do meu tema vou apresentar exemplos bem dolorosos passados com alguns infelizes companheiros de trabalho. Não citarei nomes, em homenagem e respeito à sua memória.

Alguns têm desaparecido ceifados pela morte, porque todo o seu organismo já não pode resistir às consequências produzidas pelo alcool — esses infelizes podiam prestar bons serviços à sociedade e à própria familia, porque todos êles tombaram ainda bem novos.

Conheci nos meus tempos de rapaz, um amigo de infancia, alguns anos mais novo de que eu. Era o que se chama um organismo bem formado, alto, forte, louro. Não só pelas suas qualidades de carácter como de honradez e por actos de generosidade praticados a bem do próximo, pertencente a uma corpo-

ração das mais prestigiosas do país, êle ocupava um alto cargo de confiança de carácter benéfico, que o fez tornar bem conhecido e respeitado.

Pois bem, será doloroso bastante e para mim bem triste dizê-lo, esse mesmo louro e estudioso tornou-se num verdadeiro alcoólico, irritante e por vezes agressivo, não só contra os companheiros de trabalho, e para a própria familia, que a essa data já tinha constituído, tornou-se um elemento não só perigoso como indesejável; toda a sua vida agitada foi uma verdadeira derrocada, pois por fim como todas as vítimas do alcool, já decaído fisicamente, começou a sofrer as consequências dolorosamente, até que tombou para sempre na maior das agonias, ainda bem novo, vítima duma tuberculose na laringe.

Outro facto não menos doloroso e lamentável, dum tuberculoso pulmonar, manifestada com himoptises. Numa das vezes que lhe prestei os socorros devidos, segundo indicaçã médica, fui dar com esse infeliz, bebendo no camarote, aguardante de que tinha num garrafão, dizendo que todo o seu nefasto conteúdo o tinha bebido durante a viagem. Foi levar o triste caminho dos outros, morrendo numa cama hospitalar na mais cruel agonia e mais um que deixou o tablado da vida, na idade que ainda podia prestar bons serviços aos seus.

Quero focar mais um exemplo e este o mais bem doloroso para mim, por se tratar dum velho amigo e colega.

Estando eu em Angola (Luanda 1913 e 1914) prestando serviço como enfermeiro, vivi bem de perto e com boa camaradagem com um colega e amigo que era um verdadeiro exemplo de virtudes pessoais e tido como uma rara competência profissional, a-ponto-de ser considerado pela classe médica local como um elemento de maior confiança.

Mais tarde depois de meu regresso a Lisboa, estando como enfermeiro encarregado do Posto de Socorros da Companhia Nacional de Navegação, encontrei-o para embarcar como enfermeiro no vapor *Cabo Verde*. Então já não era o mesmo, estranhei muito em vê-lo, envelhecido e completamente mudado não só

(Continua da 4.ª pag.)

A minha opinião sobre um assunto importante

Há muitos assuntos de assistência ao emigrante que precisavam ser estudados, e que não vejo serem discutidos nas colunas de *O Assistente ao Emigrante*.

Um dos problemas que eu reputo de maior importância é o dos cozinheiros de bordo.

Vai longe o tempo em que o emigrante comia mal e pior servido.

Era no tempo em que não havia mesas, em que se embarcavam num barco 200 e 400 emigrantes, no tempo da marmitta e do púcaro de fôlha distribuído à entrada.

Hoje tudo melhorou, felizmente.

O passageiro já sabe o que quer e como quer, e o próprio pessoal de tão apertado também tem evoluído e aperfeiçoou hoje os processos que antigamente usava.

Temos o assunto da cozinha. A cozinha, a comida que o passageiro há-de comer, é um problema que deve ser encarado com todo o rigor, pois dêle depende a boa ou má impressão que o emigrante fique tendo do navio e do serviço de assistência ao emigrante.

Hoje em quasi todos os navios há fartura de comida para o passageiro e este não tem de se queixar da quantidade, mas sim da qualidade.

Há na cozinha estrangeira, por exemplo, com muita frequência a sopa de puré de gôsto exquisito, sem querer dizer que esteja mal confeccionada, isto é, que não tenha os tempêros devidos.

Mas o português aldeão, e é por êles quasi que inteiramente é constituída a nossa emigração, não aprecia purés, nem molhos exquisitos.

Gosta antes de uma boa sopa portuguesa, de massa, de hortaliça ou de feijão, com o seu naco de carne há mistura, uma sopa alimentícia de que êle come dois pratos à vontade, sem ter necessidade de outros pratos.

E' o que se não faz.

Há tempos, já eu a bordo de um navio onde era frequente aparecer as tais sopas de purés, boas a pesar de tudo. O emigrante olhava, tomava uma ou duas colheres, e deixava o prato cheio. E era um nunca acabar de retirar pratos cheios de sopa que a ninguém aproveitava.

Até que um dia chamei a atenção para o facto. O médico foi ao salão, verificou ser verdade, mas não agiu alegando que o assunto não lhe dizia respeito.

Devo dizer que o navio não levava cozinheiro português.

Ora se a companhia armadora em lugar de fazer aqueles purés que ninguém comia, se o médico tivesse feito vêr ao commissário

Os serviços de Assistência Um tema importante

(Continuação da 1.ª pág.)

ses, porque não será a bordo tal missão confiada a portugueses também?

Se é certo que o Estado, num legítimo e sagrado direito, como provámos, impõe o pessoal português para proteger o seu nacional, também é verdade que esse pessoal retribue e justifica a sua nomeação com trabalho largamente compensador do dinheiro que recebe.

O pessoal de assistência trabalha o suficiente para não ficar em favor a sua matrícula, chegando-se até a exigir aos portugueses quantidade de trabalho que ao estrangeiro normalmente não se exige.

Está a classe inteira para poder comprová-lo.

As companhias armadoras vêm negociar com o transporte de portugueses, e dêsse negócio auferem um lucro; logo é legítimo que nesse comércio, para o qual a Nação concorre com a matéria prima, ela empregue também a sua mão de obra.

Mas não se queixam da lei dos serviços de assistência as companhias de navegação; quem lamenta, quem, por vezes, tôlamente, se insurge são os tais "patriotas", os furiosos defensores dos interesses das companhias, môscas aladas que aparecem sempre onde há dôce...

(Continuação da 3.ª pág.)

na sua apresentação individual como já fisicamente.

Passados anos, vim encontra-lo no serviço de emigração, então já num completo abandono pessoal e moral.

Abusando do alcool, passou então a perder a noção do seu papel na sociedade e da sua profissão, perdendo com isso a confiança médica e de todos, passando por triste e doloroso lema de verdadeiro alcoólico.

Mais tarde já condenado pelos médicos, e aconselhado a deixar de beber, começou sofrendo da mais nefasta consequência do alcool, o Delírio Trêmes. Então fisicamente foi sofrendo e não podendo pela doença beber alcool apoderou-se dêle outra desgraça maior, começando na luta tirana e cruel contra a própria vida, tomando tóxicos.

Já então todo o seu organismo esfacelado, quando o fui visitar pela última vez, não encontrei mais que um leve fragmento dum corpo humano.

Já abusei demasiado da vossa paciência, mas acho tanta utilidade frisar estes casos para que dêles algum ensinamento fique.

Ouvindo com atenção, chegando até a comover a assistência Artur José Pereira conta ainda outro caso de alcoolismo inveterado, o de uma mulher que o orador conheceu jôvem, formosa e bela, admirada e acarinhada por todos. Passado tempo encontrou-a êbria, miseravelmente vestida, vaiada e despresada. Era mais uma vítima do terrível vício.

Outro e ainda outro triste caso de alcoolismo, o orador citou, impressionando a assistência.

A terminar, Artur José Pereira tem êste brado arrancado da sua alma de bom homem equilibrado:

Apelo para vós homens e mulheres, meus camaradas, que façais a maior propaganda contra o alcool, sendo assim a vossa consciência lhes dirá que cumpriste um sagrado dever em prol da humanidade!

Artur José Pereira,

Enfermeiro

Actos elogiosos

De entre os vários associados que à biblioteca sindical têm feito a oferta de livros, destaca-se Clarice de Melo Pimentel, consócia dedicada que se encontra à frente da lista de ofertantes, com numerosos exemplares de obras de reconhecido mérito.

Esta referência é feita com toda a justiça, e com ela cumprimos um dever de consciência, porque entendemos que todo o acto de dedicação pela colectividade merece a mais larga divulgação.

Escala de Vapores

durante o mês de Setembro de 1938

PARA O SUL:

Dias	Vapores	Cais	
4	Cap Arcona.	Alcantara	
6	Asturias	Alcantara	
7	M. Rosa	Alcantara	
8	Saturnia	Alcantara	
11	Querguelen	Rocha	Toca no Porto
12	Anselm.	Alcantara	Toca no Porto
13	H. Princesse	Alcantara	Toca no Porto
14	Monte Sarmiento	Alcantara	
21	General S. Martin	Alcantara	Toca no Porto
27	Lipari	Alcantara	Toca no Porto
27	H. Brigade	Alcantara	
28	M. Olivia	Alcantara	

PARA O NORTE:

Dias	Vapores	Cais
2	General S. Martin	Alcantara
3	Arlanza	Alcantara
4	H. Brigade	Alcantara
5	Aurini	Alcantara
9	Alcantara	Alcantara
10	M. Olivia	Alcantara
15	Vulcania	Alcantara
16	G. Artigas	Alcantara
18	Bell Isle	Alcantara
18	H. Patriote	Rocha
25	Massilia	Rocha
25	Satúrnia	Alcantara
27	Hilari	Alcantara
29	Antonio Delfino	Rochã

que o emigrante não gostava de tal sopa e lhe indicasse como havia de proceder, tudo se tinha arranjado a bem de todos.

Repito: a matrícula do cozinheiro português é uma coisa

indispensável para bem do emigrante, e na falta do cozinheiro português bom era que o médico fizesse vêr superiormente qual a comida que o emigrante prefere.

João Martins Grugeira